



SIDERURGIA Gerda e CSN têm opiniões inversas sobre a recuperação do setor. Já a Usiminas está cautelosa

Gerda e CSN e Usiminas optam pela cautela

A Usiminas passou a operar com nível de capacidade instalada entre 85% 90% diante da reativação de dois de seus fornos, em São Paulo

SÃO PAULO

Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Gerda e Usiminas, três gigantes do setor de siderurgia do País, estão cautelosas quanto à retomada do mercado de aço e do preço da *commodity* — após o caos da crise mundial que derrubou os preços, a demanda, a produção e elevou os estoques de aço.

O diretor presidente do grupo Gerda, André Johannpeter, acredita que os preços da *commodity* devem ficar estáveis nos próximos meses, pois alguns estoques mundiais já foram absorvidos, principalmente pela China. Tal processo, disse, tem contribuindo para equilibrar a oferta e a demanda do mundo. Ele vê uma retomada de crescimento do setor, principalmente na América do Norte, entre até o fim deste ano e início de 2010, embora em ritmo lento e gradual.

Cauteloso, o diretor-presidente da CSN, Benjamin Steinbruch, considerou “precipitadas” as análises sobre a recuperação do setor, ainda que de forma gradual. Na linha de otimismo, o conselheiro da ArcelorMittal Brasil, José Armando de Figueiredo Campos, concorda que “o pior da crise no setor já passou”.

Johannpeter informou que o consumo mundial este ano deverá ser de 1,1 bilhão de toneladas, apenas 100 milhões acima da

→ LENTA E GRADUAL

«Eu vejo recuperação dos negócios da Gerda, embora em ritmo lento. A tendência é de melhora lenta e gradual»

ANDRÉ JOHANNPETER
DIRETOR-PRESIDENTE GERDA

→ PRUDÊNCIA

«Está havendo uma certa artificialidade na estratégia das empresas. Temo que haja excesso de produção de aço»

BENJAMIN STEINBRUCH
PRESIDENTE DA CSN

produção que deve atingir 1,2 bilhão, embora o potencial é chegar a 1,8 bilhão até o fim deste ano. Ainda há dúvida se a produção chinesa, que responde por metade da produção, será capaz de consumir a própria produção ou destinará ao mercado externo.

Johannpeter vê recuperação dos negócios da Gerda, embora em ritmo lento. “A tendência é de melhora lenta e gradual”, disse o diretor presidente da Gerda. Segundo ele, entre julho e junho as

entregas da empresa cresceram 16%, tendência que deve se manter nos próximos dois meses.

Não querendo “contradizer” a corrente de otimismo de outros empresários, o presidente da CSN, disse “é precipitado” dizer que as condições já estão definidas para a retomada do setor e para a recuperação do preço da *commodity*. “Ainda há oferta de aço nos mercados interno e externo”, disse Steinbruch.

O presidente da Gerda, Jorge Gerda, confirma que há uma “recuperação lenta” do setor de aço. Ele lembrou que a produção nacional deverá chegar a 47 milhões no fim do ano e a demanda interna deverá ser de 18,7 milhões de toneladas de aço. “Hoje a capacidade de produção é de 130% maior do que a demanda interna.” O setor tem forte dependência do setor externo, de 40%. Ele criticou os juros elevados, carga tributária e o câmbio depreciado; e apoiou o economista Delfim Neto, ex-ministro da Fazenda, que cobrou condições isonômicas a fim de melhorar a competitividade do setor industrial no comércio exterior.

Em decorrência do agravamento da crise financeira mundial, o preço internacional da *commodity* caiu de US\$ 1,130 a tonelada em outubro de 2008, para US\$ 350 a tonelada em abril deste ano. Esses foram os últimos dados de preços apresentados durante o evento.

Steinbruch chegou a desacreditar dos dados positivos do setor. “Está havendo uma certa artificialidade na estratégia das em-

presas. Temo que haja um [novo] excesso de produção de aço”, disse o executivo.

O executivo da CSN não falou sobre os estoques da empresa, porém assegurou existir excesso de produção e de capacidade ociosa do setor de siderurgia, em volumes que dificilmente poderão ser eliminados em curto prazo. “Se todo mundo sair produzindo aço poderá haver uma nova dor de barriga”, afirmou.

Segundo Steinbruch, a CSN deverá concluir os investimentos previstos para este, mas dará uma parada “técnica” entre outubro e novembro para analisar o mercado de aço; e dependendo da análise poderá tomar novas decisões de investimentos. De acordo com ele, o setor nacional deverá registrar uma melhora neste semestre em razão das encomendas de fim de ano, mas ainda há dúvida se a melhora do desempenho da indústria nacional de siderurgia representará uma tendência para o ano seguinte.

No cronograma da empresa conta investimentos de US\$ 1,5 bilhão para o aumento da produção da Namisa, fábrica da CSN no setor de minério. A produção deverá subir das atuais 19 milhões de toneladas para 39 milhões até 2012. Segundo Steinbruch o mercado de aço no Brasil este ano, que prevê consumo de 20 milhões de toneladas este ano, me-

horou um pouco por conta do mercado interno que permitiu a entrada de novos 60 milhões de consumidores que compraram o primeiro carro e a primeira casa, por exemplo. Mas há dúvida se o cenário representa uma tendência para os próximos meses. O presidente da Usiminas, Marco Castello Branco, acredita que os preços do aço deverão voltar a subir “na medida em que os estoques se regularem, e isso não vai ocorrer entre 2009 e 2010”. Ainda assim, disse “que as cotações não voltarão aos patamares de 2008”. Ele acredita que o cenário interno melhorou no segundo semestre. A Usiminas passou a operar com 85% a 90% da capacidade de instalada com a reati-

vação de dois fornos, um em Cubatão, outro em Itapetinga (SP) — onde existe um outro para ser retomado, mas deve acontecer no início de 2010. O empresário acredita que a produção de aço na empresa fechará 2009 em 6 milhões de toneladas, 20% ou 25% menor. No início do ano a Usiminas acompanhou a tendência do mercado e operou com 50% apenas da capacidade de produção instalada.

VIVIANE MONTEIRO

Já publicamos 3.000 reportagens sobre

SIDERURGIA

Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:

www.dci.com.br

www.panoramabrasil.com.br



JORGE GERDAU

«HÁ UMA RECUPERAÇÃO LENTADO SETOR. A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO É 130% MAIOR DO QUE A DEMANDA INTERNA»

Brasil pega carona no avanço dos chineses

A economia brasileira pegou carona com a retomada da demanda da chinesa por mais *commodities*.

De acordo com um estudo elaborado pela consultoria Global Partner, a crise financeira mundial já foi superada e a China teria sido justamente o primeiro país a sair da turbulência mundial.

O diretor da consultoria, Paulo Vieira da Cunha, afirmou que a melhora da economia brasileira é motivada pela recuperação das exportações de *commodities* para China, dentre outros fatores.

“A China incentivou a retomada do crescimento do mercado de *commodities*”, disse, durante o seminário: 2º Encontro Nacional da Siderurgia, em São Paulo.

Passado o pior momento da crise financeira mundial, o ex-ministro da Fazenda, Antônio Palocci, acredita que o Brasil e a China passaram ocupar as duas posições de destaque na economia mundial.

“A China tornou-se a maior economia e o Brasil tornou-se a melhor economia mundial”, disse o ex-ministro ao referir-se aos países parceiros do grupo BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China).

As empresas tiveram que repor os estoques principalmente os de aço.